



José Gabriel Ávila*

Conto da Páscoa

À memória dos meus avós

“Em Quinta-feira Santa, fechava a oficina em sinal de respeito, pois as cerimónias realizavam-se a meio da tarde. Sacristão desde muito novo, incumbia-lhe deixar tudo preparado para as cerimónias litúrgicas. Por isso começava cedo.”

Naqueles dias, um silêncio quaresmal banhava as ruas da vila. As mulheres escondiam-se sob os xales negros da pobreza, mesmo levando à cabeça paus e gravetos de lenha para o forno; os homens trabalhavam hortas ao pé de casa, que os dias eram de respeito pelos rituais religiosos.

Era uma semana inteira de canseiras para as donas de casa: lavar e esfregar o chão de joelhos, transportar água do poço de maré, lavar as roupinhas dos filhos e prepará-las para a festa, acender o forno, amassar o pão de milho, o bolo, os folares, cuidar de mais lidas da casa, tudo obrigações que as mães de família faziam com desvelo, amor, dedicação e um piedoso respeito pela quadra da festa.

Tio Chico, homem respeitado, pai de meia dúzia de rapazes, sapa-teiro de profissão, era o tesoureiro da paróquia.

Em Quinta-feira Santa, fechava a oficina em sinal de respeito, pois as cerimónias realizavam-se a meio da tarde. Sacristão desde muito novo, incumbia-lhe deixar tudo preparado para as cerimónias litúrgicas. Por isso começava cedo.

Sobre o mesão negro da húmida sacristia da igreja de São Francisco, estendia, com muito cuidado, a casula das celebrações solenes, cheirando a naftalina, a estola e o manipulo já coçado pelos anos; a seguir colocava a alva debruada em renda que a irmã Francisca fizera para usar no altar do Coração de Jesus de que era zeladora; depois o cingulo com que o sacerdote cingia a alva e, por último, o amito - pano branco que revestia o colarinho do celebrante.

Francisco Tesoureiro, como lhe chamavam, fora ensinado a lidar com aquelas roupas com o máximo de zelo, como se fossem sagradas.

Ao longo da sua vida de sacristão, qualquer daqueles paramentos já fora usado por padres, bispos, arcebispos e até cardeais.

-Lembras-te, Francisco, de ter passado por cá, a bordo do paquete “Lima”, o Núncio Apostólico em Lisboa e de ter celebrado missa nesta igreja? - perguntou-lhe o Pe António que seguia os afazeres do sacristão enquanto rezava o breviário de um lado ao outro da sacristia. - Chamava-se Fernando Cento, homem alto, sorridente, simpático, cumprimentava toda a gente. Ele vestiu esses paramentos - os melhores que esta igreja ainda tem. E o cálice é também o mesmo que vai servir logo na Missa do Lava-pés.

-Se me lembro? - respondeu-lhe Tio Chico, sem dar grande importância à recordação do Pe António. - Pois não fui eu que o ajudei à missa em latim?!... Foi uma balburdia nesse dia!... A quantidade de padres que vieram na comitiva desse Cardeal, nem me quero lembrar!... Uns tiveram de esperar pelos outros, pois não havia altares para todos celebrarem ao mesmo tempo, nem paramentos que chagassem...

Francisco, sempre numa roda viva da igreja para a sacristia e desta para o corredor lateral, estava mais preocupado em deixar tudo pronto para a hora da missa, não fosse o padre barafustar se alguma coisa não corresse bem.

- Não seria a primeira vez! - pensou para consigo o sacristão enquanto enumerava a série de objetos sagrados que seriam utilizados na celebração: cálice, patena, sanguinho, pixide, hóstias, galhetas, turíbulo, naveta com incenso, carvão... a bacia e o sabão, a toalha e os limões. - Por agora, Pe António, está tudo pronto. - afirmou Francisco com voz clara. - Vou dar um salto a casa a ver como é que as coisas estão por lá. A Elvira está de forno aceso a preparar os folares e o pão para a festa. Deus a ajude!

-Por mim vou ficar por aqui - respondeu o sacerdote, mantendo aberto o breviário. - Pode acontecer que alguém apareça para se con-

fessar para desobriga. Vou beber uma xícara de café quente e comer umas bolachas e fico assim até à ceia. Até logo, Francisco!

Era quase meio dia. Na sacristia do velho convento, o relógio de parede bateu as 12 badaladas, enquanto Francisco genufletia diante do altar-mor, olhando em redor e verificando se tudo estava em condições.

À saída do guarda-vento, Tio Chico olhou o mar, a Montanha e tudo estava numa harmonia silenciosa de dar graças a Deus.

Dali até a casa, na sua velha bicicleta foi um abrir e fechar de olhos. Pelo caminho, nenhuma alma viva, se bem que pairasse no ar um apetitoso cheiro a foliar e a carne assada que só no domingo da festa se podiam provar, como ordenavam as normas da santa madre Igreja.

Ao chegar a casa, a família aguardava Francisco de pé, à volta da mesa. Era regra que todos respeitavam e só terminava quando Francisco Tesoureiro se sentava.

Elvira era a exceção: continuava na cozinha, provando aqui, colocando mais uma acha em torno do lar, chegando brasas à porta do forno para mantê-lo sempre quente, enquanto as massas levedavam nos alguidares de barro e se não tendia os pães.

-Há-de ser o que Deus quiser - murmurava a dona da casa. -Nossa Senhora de Lurdes há-de nos ajudar!

Finda a refeição todos se prepararam para as Endoenças. Francisco foi o primeiro a levantar-se. Vestiu o fato escuro, antecipando o respeito pela dor e pela morte do Senhor em Sexta-Feira Santa.

Um após outro todos saíram para a missa do Lava-pés. Só Elvira ficou atrás. Doente, mãe dedicada e extremosa, ela ofereceu o sacrifício da ausência em louvor da Senhora da Piedade que tanto admirava não fosse esse também o nome de sua saudosa mãe.

